

2

Desarrumar O Medo... O Arrumador de Carros como Figura do Medo na Cidade

MARGARIDA MATIAS, LUÍS FERNANDES

Artigo recebido em 11/09/2009; versão final aceite em 02/11/2009.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado procura explorar a autopercepção do toxicodpendente arrumador de carros enquanto figura do medo na cidade. Partimos de um dado adquirido nos trabalhos sobre o sentimento de insegurança, o da sua associação ao medo do crime, para percebermos a proeminência dos actores da droga no contexto da cidade sentida como insegura. Procurámos, então, explorar a figura do toxicodpendente e a sua visibilidade e permanência nos espaços da urbe através do desempenho da tarefa de arrumar carros, para depois, através de uma metodologia qualitativa de carácter naturalista, explorar a visão destes actores sociais sobre este tema. Ao longo da permanência no terreno numa zona frequentada por arrumadores, no Porto, criámos as condições para realizar entrevistas em profundidade com dez sujeitos simultaneamente arrumadores de carros e consumidores problemáticos de heroína e cocaína. Procedemos em seguida a uma análise de conteúdo como recurso metodológico para trabalhar os dados empíricos. Concluímos que estes sujeitos percebem que os outros os percebem como criminosos e, enquanto arrumadores, como ameaças para o carro, originando muitas vezes comportamentos de afastamento por parte dos outros. Porém, não se definem como tal, distanciando-se da imagem de perigo a que sabem estar associados, o que não os impede de assumir a prática ocasional de crimes menores, ainda que desresponsabilizando-se de tais actos, que justificam ser cometidos em momentos em que forças externas os compelem a agir. Nomeiam também o outro desconhecido como o actor do crime na cidade e, neste sentido, cristalizam o medo do crime no medo do desconhecido, convergindo deste modo com a generalidade dos grupos receosos que a investigação sobre o sentimento de insegurança tem estudado.

Palavras-chave: Arrumador de Carros; Toxicodpendente; Pesquisa de Terreno; Sentimento de Insegurança; Medo do Crime.

RÉSUMÉ

Cette étude explore la perception de soi du toxicomane qui gare des voitures comme une figuration de la peur dans la ville. Nous partons d'une donnée obtenue dans les travaux sur le sentiment d'insécurité, celui de son association avec la peur du crime, de façon à comprendre l'importance des acteurs de la drogue dans le contexte de la ville perçue comme dangereuse. Alors, nous avons essayé d'étudier la figure du toxicomane et sa visibilité et continuité dans les espaces de la ville, pendant qu'il accomplit sa fonction de garer les voitures, puis, à travers une méthodologie qualitative de conception naturaliste, nous avons recueilli la perception de ces acteurs sociaux sur cette question. Pendant le séjour sur le terrain, dans un quartier fréquenté par des toxicomanes, à Porto, nous avons créé les conditions pour faire des entrevues en profondeur avec dix sujets qui étaient, au même temps, des personnes qui garent des voitures e consommateurs problématiques d'héroïne et de cocaïne. On a fait ensuite une analyse

du contenu comme un outil méthodologique pour travailler les données empiriques. Nous concluons que ces sujets ont conscience que les autres les perçoivent comme des criminels et que, en tant que responsables par le fait de garer les voitures, ils sont vus comme des menaces à la voiture, entraînant souvent des comportements de écart de la part des autres. Toutefois, ils ne se définissent pas comme tels, en s'éloignant de l'image du danger auquel ils savent être associés, ce qui ne les empêche pas de pratiquer occasionnellement de délits mineurs, même s'ils n'assument pas la responsabilité de tels actes, qu'ils justifient par l'existence de forces extérieures qui les obligeraient à agir. Ils nomment aussi l'autre, l'inconnu, comme l'acteur de la criminalité dans la ville et, dans ce sens, cristallisent la peur du crime à l'intérieur de la peur de l'inconnu, convergeant ainsi avec la plupart des groupes qui craignent, étudiés par cette recherche sur le sentiment d'insécurité.

Mots-clé: Personne qui gare les voitures; Toxicomanes; Recherche sur le terrain; Sentiment d'Insécurité; Peur du Crime.

ABSTRACT

The present study explores the self-perception of the addict that parks cars as a figure of fear in the city. We start with data obtained in several works about the feeling of insecurity, data that express an association between this feeling of insecurity and the fear of crime, to understand the prominence of the actors of the drug's world in the context of the city perceived as unsafe. We tried then to explore the figure of the addict and his visibility and permanence in the urban spaces through the performance of his task (to park cars). After that, through a qualitative methodology of naturalistic nature, we explored the social actors own views on this issue. During the ground work in an area frequented by ushers in Oporto, we guaranteed conditions to achieve in-depth interviews with ten subjects who were, at the same time, car ushers and problematic users of heroin and cocaine. Next, we analysed the content of these conversations as a methodological resource to work the empirical data. We conclude that these subjects understand that others perceive them as criminals and, because they're ushers, as threats to the car, often resulting in repulsion behaviour. Nonetheless, they don't define themselves as such, keeping away from the image of dangerousness they know they are associated with, a situation that doesn't prevent them from the occasional minor criminal action, which they don't feel responsible for, arguing that those actions are committed because of external forces that compelled them to act. Also, they name others, unknown others, as actors for the crime in the city and in that sense, they crystallize the fear of crime within the fear of the unknown, thus converging with most fearful groups that this investigation about the feeling of insecurity has been studying.

Key Words: Valet; Drug Addict; Ground Work; Sense of Insecurity; Fear of Crime.

1 – INTRODUÇÃO

O tema do sentimento de insegurança tem vindo a ganhar espaço desde os anos 90 tanto no debate público como na investigação nas ciências sociais. Chamámos já ao sentimento de insegurança um objecto flúido: mais do que objecto bem delimitável é uma área de convergência temática, funcionando como atractor de tudo quanto, na vida cidadina, seja capaz de gerar medos e evitamentos, rotulando nesse processo certos actores e certos espaços como responsáveis pelo agravamento das condições da vida colectiva, afectada na sua confiança e, em última análise, atingida nos alicerces do vínculo social.

Sobre os que manifestam medo à cidade já muito se tem escrito, e os trabalhos de investigação mostram em geral um medo crescente, embora diferencial de acordo com variáveis individuais (por ex. experiências anteriores de vitimação criminal) e sociodemográficas (por ex. género, grupo etário, classe social, zona de residência). E quanto aos que metem medo? Que pensam e dizem aqueles a quem o cidadão comum imputa a responsabilidade pela cidade insegura?

Desde o início dos anos 90 foi ganhando progressiva importância no espaço público das grandes cidades portuguesas uma nova figura que rapidamente foi baptizada como *arrumador*. Não parece ter grandes equivalentes nos outros países da Europa Ocidental, sendo preciso viajar para outras geografias para a detectar – por ex. o *flanelinha* nas grandes urbes brasileiras. É, portanto, uma figura emergente, que parece oscilar entre a indignância e a ameaça, entre a mendicidade e a pequena criminalidade – para pôr a questão nos termos em que os especialistas se exprimem, trata-se de uma figura que se move entre a exclusão social e a criminalidade¹. A construção em torno do arrumador foi-o definindo como um toxicodependente de rua: um "agarrado" que lançava mão de um expediente para angariar o dinheiro de que necessitava para os seus consumos. O arrumador aparecia, pois, como uma nova modalidade do *junkie*, irrompendo num cenário que faria dele o promotor da interface entre toxicodependente e cidadão comum: as ruas da baixa, as zonas comerciais, os sítios de afluência de automobilistas².

Esta nova inserção espacial do "drogado" produziria efeitos sobre o sentimento de insegurança, já que aquele vinha aparecendo como o desviante prototípico do crescimento da criminalidade e da intranquilidade na cidade pós-industrial (Quintas, 1997; Fernandes, 2004; Machado, 2004; Manita e Machado, 2009). A institucionalização deste sentimento em torno do arrumador dar-se-ia a partir de 2002, quando o então recém-eleito poder autárquico do Porto declararia a vontade política de "erradicação dos arrumadores", a bem da restauração da ordem e do combate ao sentimento de insegurança. A acção política legitimava pois a percepção circulante de que o arrumador, muito em razão da sua toxicodependência, constituía um potencial de ameaça. E o que pensam os ameaçadores do perigo que dizem que eles constituem? Eis a questão a que procurámos responder, no reconhecimento, já acima enunciado, de que os estudos sobre o sentimento de insegurança ouvem mais quem tem medo do que quem o infunde.

Neste artigo apresentamos os resultados de uma investigação levada a cabo no âmbito de um projecto de mestrado³ e que procurou aceder às percepções de arrumadores de carros toxicodependentes, que residem e/ou exercem a actividade no Porto, sobre a sua relevância enquanto figura do medo na cidade.

2 – DE ONDE PARTIMOS...

2.1 – Estudos sobre Insegurança Urbana

A cidade actual parece oferecer aos seus cidadãos novos e maiores perigos e conseqüentes preocupações sobre a segurança de cada um. As diversas instâncias que intervêm no debate social têm sido consistentes em associar a pobreza à criminalidade e, dessa forma, associar espaços, tempos e actores sociais a maiores perigos, alimentando estigmas e potenciando processos de (ainda) maior exclusão social (Pain, 2001; Wacquant, 2001; Agra, 2002; Cunha, 2002; Fernandes, 2002, 2003). Sobressaem do universo destes espaços os bairros sociais e os seus residentes, comumente associados a actividades ilícitas em torno das drogas. O tema da insegurança urbana tem suscitado grande debate social e científico. Em Portugal, nos anos 90, este assunto começa a destacar-se nas preocupações

dos cidadãos comuns, pelo que passa também a dominar o discurso político da época (Fonseca, 1998). Gradualmente, as questões securitárias tornam-se um tema de discussão banal na sociedade e, volvidos mais de 10 anos, o tema intensifica-se no debate público e político português, parecendo haver um elevado medo do crime entre os cidadãos (Machado e Manita, 2009). Alguns estudos portugueses (Machado, 2004; Machado e Manita, 2009) revelaram que os cidadãos percebiam um maior risco do que aquele que, tendo por base as estatísticas existentes, parece existir na realidade e que o discurso do medo revela uma hiperestimação do crime que não encontra paralelismo nestes dados estatísticos.

A insegurança não existe enquanto objecto concreto e observável, surgindo o crime e as suas variáveis como alguns dos temas que melhor se correlacionam com ela, pelo que, ainda que não esgotando a análise possível acerca desta, têm impulsionado o estudo deste fenómeno. A investigação tem demonstrado que a relação entre criminalidade e sentimento de insegurança não é nem causal nem linear, pelo que o fenómeno é mais complexo do que poderia parecer. Vários são os estudos sobre este tema e muitos parecem convergir na ideia de que o crime está associado à insegurança, que por sua vez está associada ao medo (Roché, 1991; Fonseca, 1998; Machado, 2004). Assim, parece evidente que o crime, ainda que não esgote a temática da insegurança, é essencial para a sua compreensão.

O medo do crime emergiu como objecto de estudo por volta dos anos 60 do século XX, tendo, com base nas conclusões de vários estudos, sido sugerido que o medo não é uma resposta automática ao crime, estabelecendo-se entre eles uma relação muito complexa. Foram então surgindo alguns modelos de compreensão do medo do crime, diferenciando-se entre eles, consoante as características destacadas para a compreensão do fenómeno. As perspectivas de vitimização sustentam uma relação directa entre medo e crime; as perspectivas das incividades deslocaram o foco de estudo da vítima e das suas características para as características ambientais e do crime para os sinais de incividades e desordem existentes no meio

ambiente (Taylor, 1987; Carvalho, 2003; Fernandes, 2006); as perspectivas ecológicas abarcam todo um leque de modelos que enfatizam a influência do meio ambiente no crime e no medo do crime (Taylor, 1987; Carvalho, 2003; Machado, 2004).

Mais recentemente, o estudo do medo do crime tem combinado uma série de elementos das várias perspectivas, procurando uma explicitação mais ampla do fenómeno. O medo do crime parece, deste modo, ser um fenómeno complexo para o qual contribuem muitos factores. Parece, sobretudo, ser um fenómeno que mais do que reflectir um medo concreto do crime ou de factores de desordem urbana, cristaliza muitos outros medos e justifica modos de agir. De facto, começa a tornar-se evidente que o medo não resulta apenas do crime e da desordem. Um estudo de Merry (1981, *in* Carvalho, 2003, p. 35) vem dizer que o "medo do crime expressa e legitima o medo do estranho e do desconhecido". Este medo materializa receios e ansiedades que mais não são do que o resultado da constatação crescente de um mundo repleto de novidades, preocupações e incertezas. Talvez o medo do crime e o sentimento de insegurança devam ser entendidos como o reflexo das mudanças sociais que têm acontecido e como mais um dos fenómenos que caracterizam a era pós-moderna, marcada por uma hiper-representação do risco ecoada pelos meios de comunicação de massas à escala global.

2.2 – As Posições de Medo

Interessa agora fazer uma diferenciação figurativa e espaço-temporal do medo na cidade, analisando as características que definem cada uma destas dimensões e recorrendo aos trabalhos que definem os discursos e as posições de medo.

Fonseca (1998) tentou perceber a representação social da insegurança, que parece cristalizar-se no medo e no crime. Concluiu que a criminalidade e o medo, fortemente associados à insegurança, surgem relacionados com a droga e seus actores. A droga é o factor mais frequentemente apontado como causa da insegurança e os toxicodependentes as pessoas mais fortemente referidas como estando ligadas a ela. Também outros

estudos (Machado e Manita, 2000; Machado, 2004; Machado e Manita, 2009) corroboram estas conclusões e, caracterizando o discurso do medo, dizem que este assenta num medo permanente mas não estável, ou seja, que é agravado por certas condicionantes, como a noite e a solidão.

O discurso do medo justifica-se, então, pela hiperestimulação do crime e pela percepção de um risco e vulnerabilidade permanente, ainda que aumentados perante determinadas características. Além disto, também a caracterização do crime como aleatório, imprevisível, inevitável e planeado o torna mais ameaçador e, portanto, mais temível (Fernandes, 2003 e 2004; Machado, 2004). Também a droga assume bastante relevo no discurso do medo sendo característica de destaque nos ofensores. Mas a droga é também encarada como consequência dos problemas sociais, aparecendo aqui a constatação de que o indivíduo consumidor pode ser agressor mas pode também ser vítima de condições sociais pouco favoráveis. Contrariamente ao que seria de esperar, a figura do arrumador, ainda que muito sobreposta ao estereótipo de drogado, acarreta um menor medo, o que pode ser interpretado considerando o contexto em que a interacção entre arrumador e as pessoas ocorre, da percepção de um maior controlo da situação (que dependerá do comportamento do próprio – dar ou não "moedinha") e da constatação de que no caso de ocorrer algum crime cometido por esse actor ele será sobre o carro e não sobre a pessoa.

Machado (2004) refere ainda que o discurso do medo se organiza pela diferenciação entre *Nós* e os *Outros*, chamando desta forma a atenção para o fenómeno da estereotipificação inerente à produção do discurso social do medo e à construção da postura social que o define. E, de facto, a identificação do criminoso como um *Outro* tem merecido alguma atenção na literatura (Caldeira, 1992; Pain, 2001; Machado, 2004). A construção da imagem do criminoso baseada em estereótipos alimenta uma visão generalista da figura do medo, eliminando ambiguidades e diferenças entre estes indivíduos e levando consequentemente a processos de exclusão social. As narrativas do crime, produzindo estes estereótipos, fazem emergir barreiras

sociais que se traduzem não só nos discursos, mas também em formas físicas, quando novas maneiras de segregação espacial se adoptam.

Os locais e as figuras do medo parecem convergir em muitos aspectos. A droga como causa do crime, o toxicodependente como actor do crime e o bairro social – zona, por excelência, associada a estes indivíduos – a zona do crime e do medo. As palavras de Machado (2004, pág. 207) parecem esclarecedoras quando esta diz que "a droga é o eixo articulador de histórias de inocência corrompida, degradação e perigo, convocando, como nenhum outro crime, a identificação dos espaços temidos na cidade". Os mapas do medo no Porto apontam os bairros sociais como os locais mais temidos, ainda que investigações de terreno levadas a cabo nessas zonas mostrem como é redutora a etiqueta de "espaço perigoso" com que normalmente são rotulados (Fernandes, 2001; Fernandes e Pinto, 2004). A pobreza torna-se claramente associada ao perigo, à desordem, ao crime, ao medo. As classes mais desfavorecidas, as mais pobres são também aquelas que habitam os locais considerados como os «mercados das drogas», os «sítios perigosos», os «locais a evitar», pelo que sendo estes produtores de marginalidades e desvíncias parecem, aos olhos da sociedade, dotados de propriedades criminogéneas (Fernandes, 2001).

A associação do crime à pobreza, à droga e ao bairro social contribui para processos de exclusão dos grupos mais desfavorecidos. A imagem da cidade como espaço de medo traduz a problemática da inclusão/exclusão. A insegurança – aqui conceptualizada através do medo do crime – enquanto grelha de leitura do meio ambiente, permite organizar o desorganizado, apresentando causas e soluções para o caos.

As narrativas do crime e do medo parecem então uma forma de os indivíduos tentarem restabelecer uma ordem que percebem como perdida, de tentarem conferir sentido a um universo que está a perdê-lo (Caldeira, 1992). Ao construírem as suas próprias interpretações do crime, as pessoas não só aprendem a lidar com ele como também criam uma série de estratégias de protecção e de reacção perante ele. Parece haver uma função organizadora

nestes discursos mas que acarreta também o risco da potenciação de processos de exclusão social. Este «dar sentido» não só fomenta o isolamento social daqueles que têm medo e que, portanto, consideram que todos os momentos de interacção com estranhos são momentos potencialmente perigosos⁴ como também exclui (ainda mais) aqueles que são vistos como ameaçadores.

Perante a constatação de que o discurso do medo prolifera nas cidades desenvolvidas, de que as figuras do medo se alimentam em geral das pessoas mais desfavorecidas da sociedade e de que o crime não aumenta nesta mesma proporção, coloca-se a dúvida relativamente ao facto deste medo ser apenas medo do crime. Já adiantámos que ele parece cristalizar muitos outros, assim como o medo do estranho, o medo da noite ou a preocupação pelos outros. Machado (2004) refere que o medo se constitui enquanto metáfora para outras formas de mal-estar e enquanto processo de gestão de outras ansiedades mais fundamentais. Sá (s/d) sugere que este medo e esta insegurança urbana sejam estudados à luz de vários processos sociais, dos quais decorrem as alterações na estrutura da sociedade, como alterações no mundo do trabalho, aumento do desemprego, aumento de economias paralelas, aumento de indivíduos desintegrados, entre outros.

O discurso da insegurança impele à tomada de medidas políticas e sociais que respondam a este fenómeno, pelo que importa que ele seja compreendido no seu todo e que, para evitar a tomada de medidas sociais mais repressivas para alguns, que não necessariamente os responsáveis por este fenómeno, seja adoptada uma abordagem suficientemente aberta e que inclua as perspectivas dos receosos e as dos temidos.

3 – AONDE CHEGAMOS... AO TOXICODEPENDENTE DE RUA

A toxicodependência, embora normalmente enunciada no singular, remete-nos para realidades diversas onde pessoas muito distintas, em momentos variados do seu ciclo de vida, por razões e objectivos diferentes, consomem determinadas substâncias psicoactivas, também elas variadas, tanto no tipo como nas dosagens ou na via de administração.

Os consumos de drogas nem sempre são ou se tornam consumos problemáticos. Ainda que o senso comum associe ao fenómeno droga um estereótipo correspondente à figura do toxicodependente de rua, há muito mais para além (ou aquém) deste. Também os consumos problemáticos não se esgotam na realidade do toxicodependente de rua, sendo muitas vezes ocultados por capacidades financeiras e posições sociais elevadas (Diaz, Barruti, & Doncel, 1992; Fernandes e Carvalho, 2003). Ainda assim, é sobre aquele, o *junkie*, que se foca este trabalho. Ele representa uma figura do medo na cidade e incorpora o estereótipo de «drogado» construído pelo senso comum.

Foi com o desenvolvimento dos mercados dominados pela heroína que, nos anos 80, começou a surgir esta figura. Ela é a expressão máxima do uso duro de drogas duras, a imagem do extremo do "mundo das drogas". Caracterizado pela falência dos auto e dos heterocontroles, o *junkie* é a primeira figura da droga a não conseguir adoptar estratégias de controlo da dependência, sendo também aquela que origina a instauração de medidas de redução de riscos e minimização de danos nos seus contextos de consumo. Mantendo uma relação com a(s) droga(s) pautada por uma estabilidade de longo curso, este actor não é capaz de gerir o limite. O estado *junkie* representa a última etapa do percurso, onde nada mais interessa senão o consumo. E este, fruto de mecanismos que não detalharemos aqui, encontra-se relegado para espaços onde a doença e o perigo (para si e para os outros) são uma constante. E se, por um lado, este indivíduo não é capaz de estabelecer qualquer controlo sobre si próprio, parecendo andar numa constante deriva que só termina quando compra e consome, para imediatamente a seguir esta se iniciar de novo, também as estruturas assistenciais mais clássicas se foram mostrando desajustadas para si. É neste sentido que este tipo de consumidor põe em causa os heterocontroles, revelando-os inadequados para um novo actor social que exige renovadas respostas.

A vida deste actor é, então, dominada pelo consumo de heroína e por formas de arranjar meios para obtê-la. Stephens (1991) caracteriza esta vivência com dois tipos de actividades: o *Copping* (procura incessante de hero-

ína e de cocaína, substâncias que têm vindo a ganhar bastante relevo para esta figura) e o *Hustling* (que se relaciona com os crimes que estes indivíduos cometem para obter dinheiro que lhes permita comprar produto para consumo). A literatura parece apoiar a tese de que os toxicod dependentes cometem uma vasta variedade de crimes (Stephens, 1991), ainda que não pratiquem todos os tipos de crimes nem os cometam a todos com a mesma regularidade. Porém, o objectivo principal destes crimes parece ser arranjar dinheiro para suportar o seu hábito de consumo. Os crimes violentos representarão uma percentagem muito baixa, estando a maioria deles relacionada com, o funcionamento das economias subterrâneas que asseguram a provisão de substâncias ilegais.

É neste sentido que Faupel (1991) classifica as carreiras de utilizadores de drogas como sendo multidimensionais, na medida em que englobam a maioria das vezes o consumo de drogas e a vertente criminal. Este autor define a *fase junkie* da carreira de consumidores de heroína como um período em que a síndrome de privação é elevada, dedicando-se o *junkie* a actividades criminais de forma desorganizada e pouco especializada, ficando mais exposto aos mecanismos sociais repressivos. Nas palavras de Tinoco (1999) para o *junkie*, "segregado pela sua subcultura, sem alternativas, a actividade de crime é gerida pela necessidade de heroína". E, neste sentido, Goldstein (1981, in Portela, 2004) refere o *junkie* como um *opportunistic hustler* já que este está sempre alerta às mais pequenas oportunidades para ganhar dinheiro.

Esta nova figura da desviância começa a surgir sustentada pela instauração de mercados de drogas duras estáveis e resistentes às estratégias de "combate à droga". A cidade começa a definir os sítios das drogas, vistos também como os locais de maior perigo: a periferia urbana degradada, em especial os "bairros sociais problemáticos". Alguns deles, quase sempre em Lisboa ou no Porto, são constante fonte de notícia, tornando-se os ícones por excelência do "mundo das drogas", feito de tráfico e de consumo em zonas que, muitas vezes, nem se resguardavam do olhar público. Diríamos que estes territórios psicotrópicos em torno das drogas duras, a que também já chamámos plataformas

*junkie*⁵, foram uma primeira modalidade de existência socialmente visível do "problema da droga" (passada uma fase inicial, nos primeiros anos pós-25 de Abril, do alarme causado pelo haxixe, pela erva e pelos ácidos em meio escolar). E diríamos que o arrumador de automóveis, mais ou menos presente pelos sítios centrais do miolo urbano, é uma segunda modalidade de apresentação pública do "mundo da droga". O "drogado" está agora visível ao cidadão comum, interage com ele, interpela-o, conversa, confronta, ameaça... O arrumador torna o "drogado" real, fá-lo descer das imagens televisivas do Casal Ventoso ou do Aleixo às ruas frequentadas pelo cidadão médio. É esta figura tão presente no dia-a-dia da cidade que vem lembrar a degradação, a desordem, a desviância, a marginalidade... É ela que incorporando o estereótipo do drogado, tão bem assimilado pelo senso comum, vem reavivar o medo e tornar o desconhecido uma ameaça iminente no espaço urbano.

A visibilidade do toxicod dependente de rua, o alarme social que tem vindo a impor-se e que tem aumentado a estigmatização da periferia urbana desqualificada e dos seus actores, a associação entre drogado e crime, a percepção generalizada de que o crime está a aumentar, o aumento real do delito contra o património, a constatação da grande quantidade de transgressões cometidas pelos toxicod dependentes e a crise económica e social que se tem vindo a fazer sentir na sociedade portuguesa contribuem para um sentimento de insegurança na cidade que tem vindo a crescer.

O discurso do medo é claro ao apontar figuras causadoras desse estado. Mas qual a percepção dessas figuras? Estará o toxicod dependente arrumador de carros ciente do medo que provoca nos cidadãos?

4 - METODOLOGIA

Procurou-se, com este trabalho, explorar se o toxicod dependente arrumador de carros se autopercepção como figura do medo na cidade e se o faz de que forma o faz, realizando uma pesquisa de terreno de carácter qualitativo.

A entrada no terreno deu-se recorrendo a intermediários já previamente identificados e mobilizados para a prossecução deste objectivo. Tratava-se de indivíduos

moradores no Bairro do Cerco⁶ que nos fariam chegar até ao primeiro arrumador de carros. Este, por sua vez, dar-nos-ia acesso a alguns contactos da sua rede social. Chegaríamos assim até à zona da Loja do Cidadão e Alameda das Antas, onde todos eles exerciam a sua actividade. Esta zona, situada no extremo oriental da cidade, é de grande centralidade comercial (Loja do Cidadão, Complexo do F.C. Porto, Centros Comerciais...) e tem na sua vizinhança vários bairros periféricos dos quais se destaca o Cerco.

Entendemos que os sujeitos entrevistados no âmbito deste trabalho podem constituir aquilo que Mayer (cit. por Romani, 1982) definiu como quase-grupos interactivos: "entidades sem uma estrutura reconhecível, mas cujos membros têm em comum certos interesses ou formas de comportamento que poderiam induzi-los em qualquer momento a configurar-se como grupos definidos. (...) Estes podem considerar-se como quase-grupos interactivos, já que se baseiam num conjunto de pessoas em interacção". Assim, estes sujeitos encontravam-se num território psicotrópico⁷, situado nas zonas de estacionamento de carros da Loja do Cidadão do Porto e da Alameda das Antas, desenvolvendo interacções sociais relacionadas com a prática da tarefa subjacente ao arrumador e cujo objectivo é a angariação de dinheiro para a compra de droga. Este quase-grupo era constituído por dez sujeitos do sexo masculino, com consumos problemáticos de heroína e cocaína, com trajetórias de consumo que oscilavam entre um mínimo de 12 e um máximo de 30 anos, e que desempenhavam a actividade de arrumador nas zonas acima mencionadas. Convém ainda referir que, de acordo com as nossas escolhas metodológicas, de carácter naturalista, procurámos constituir o grupo de actores sociais deste estudo longe de locais e instituições de cariz terapêutico que pudessem, de alguma forma, influenciar o discurso dos sujeitos quando em situação de entrevista.

Na primeira deslocação ao bairro foi possível realizar uma entrevista pré-teste, a um sujeito consumidor de drogas, que, não tendo sido gravada por falta de autorização do próprio, serviu sobretudo para afinar algumas das questões do guião pré-definido.

Para recolhermos os dados empíricos recorreremos a

uma entrevista semi-estruturada, que contemplava alguns tópicos de discussão (associação do toxicod dependente arrumador ao crime, imagem social deste actor, crimes praticados, grupos com medo, actores do medo), introduzidos ao longo da entrevista. Também no decorrer das entrevistas foram utilizadas algumas notícias de um jornal em que a figura do toxicod dependente era associada à prática de crimes e à criação de medo, que serviram, sobretudo, como estímulos facilitadores do discurso. As entrevistas foram realizadas no espaço natural dos sujeitos, permitindo realizar observação directa de uma parte da realidade diária destes indivíduos e, a partir daí, tornar algumas das situações observadas alvo de análise durante a entrevista. Todas as entrevistas foram gravadas, sendo posteriormente transcritas e trabalhadas manualmente através de uma análise de conteúdo qualitativa categorial temática.

Foi também elaborado um diário de campo que permitiu registar algumas informações sobre as observações directas feitas no terreno, complementares às informações presentes nas entrevistas, e que permitiram uma melhor compreensão dos dados recolhidos nas mesmas e também a recolha de um outro tipo de informação, desta feita mais relacionada com a postura dos sujeitos no seu contexto natural.

5 - RESULTADOS

5.1 - A auto-imagem dos actores sociais

A análise dos dados permitiu-nos perceber que estes sujeitos entendem que socialmente são vistos como criminosos, quer na sua qualidade de toxicod dependente quer na qualidade de toxicod dependente arrumador. Enquanto toxicod dependentes são apontados como uma figura da ameaça de forma mais generalizada, sendo clara a associação droga-crime e seus actores e contribuindo essa associação para uma percepção de perigo por parte de grande número de cidadãos quando perante esta figura.

Porque eu vou assim na rua e a senhora vem e mal me vê - parece que eu tenho aqui [na testa] escrito: Ladrão - mal me vê ou afasta-se ou esconde logo a mala. (B, 36 anos)

Enquanto arrumadores são percebidos como uma ameaça para o carro, sendo caracterizados como criminosos de oportunidade na medida em que só adoptam esse tipo de comportamentos quando factores contextuais e, portanto, externos a si, tornam as circunstâncias apelativas e propícias à prática de crimes.

Acho que nunca senti que as pessoas tivessem medo que eu lhes fizesse mal mas já senti que elas estavam com medo que lhes estragasse o carro. (F, 30 anos) É um bocado também tipo... a ocasião faz o ladrão e também depende das circunstâncias. (H, 33 anos)

Estas ideias parecem ir ao encontro daquelas referidas no discurso do medo, caracterizado por Machado (2004), que refere que o arrumador é percebido como uma figura causadora de menor receio, aparentemente porque a percepção de controlo sobre os seus actos criminosos será maior e, ao mesmo tempo, porque estes actos incidirão sobre o carro e não sobre a pessoa. O facto de eles serem assim percebidos pelas outras pessoas poderá validar também esta questão do controlo exercido pelos condutores, uma vez que estes crimes acontecem quando há um descuido por parte desses.

Curiosamente, e ainda que reconhecendo que são amplamente percebidos como criminosos, e que muitos o são de facto, não se definem como tal e não assumem praticar crimes ou quaisquer actos que sejam sentidos pelos outros como ameaçadores.

Desde que a gente tire a ressaquinha a gente não se mete com ninguém. Não fazemos mal a ninguém! (D, 39 anos)

O discurso dos próprios sujeitos aponta uma auto-imagem marcada pelo sofrimento físico, associado à dependência e à dificuldade em acabar com ela e/ou em mantê-la, pelas doenças contraídas e associadas a consumos problemáticos de drogas e pelo estatuto social muito negativo, causador de grandes dificuldades a nível da interacção social. Retratam, assim, formas de vida marcadas pela solidão, pela frustração, pelo

enorme estigma social, pela discriminação e pela inexistência de objectivos de vida que não passem pela vivência diária em função do consumo.

Ainda em relação à auto-imagem social do toxicodependente – imagem que o sujeito acha que os outros construíram sobre si e sobre os outros elementos do seu grupo social – deve mencionar-se também que os aspectos relacionados com a imagem degradada destes sujeitos (“imagem suja, rota, degradada”; “o lixo”; “escumalha da sociedade”) assumem alguma relevância no conjunto dos dados empíricos. Parece, assim, que não só os sujeitos se identificam com esta degradação como também reconhecem que socialmente são percebidos como tal. Referem, ainda assim, que existe uma generalização exagerada da figura do consumidor de drogas e das suas práticas, resultando daí uma associação do toxicodependente ao crime que nem sempre se comprova na realidade e uma percepção exagerada da ocorrência destes crimes.

É verdade que muitos de nós cometemos crimes mas não é da forma tão frequente como as pessoas pensam que é, entende? (H, 33 anos)

Também as pessoas olham para nós como... já está! (F, 30 anos)

No que diz respeito à auto-imagem social do arrumador, além de os sujeitos referirem que os outros os percebem como criminosos e como uma ameaça para os carros, como já foi dito acima, referem também que os outros cidadãos concebem a sua actividade como uma forma de conseguir dinheiro para os consumos e que as ajudas que aí conquistam são frequentemente motivadas pela percepção dos outros de que se pedirem não roubam, criando-se dessa forma a ideia de que através da moeda se faz uma gestão do risco.

Como pedimos arranjamos dinheiro para os nossos consumos. Não precisamos de roubar! (H, 33 anos) A mulher, com medo que façam mal ao carro, ou com um pneu furado, ou isto ou aquilo, dá uma moedinha ao arrumador. (A, 34 anos)

Talvez por isso, alguns sujeitos refiram que com o passar do tempo as pessoas vão compreendendo as suas intenções, levando a que aqueles que já se sentem conhecidos no seu lugar habitual se apontem muitas vezes como figuras da protecção para o carro e como figuras não intimidatórias para as outras pessoas. A percepção dos outros quanto à sua função de defesa do espaço parece resultar, assim, da permanência destes actores no mesmo local.

Isso vai do tempo. As pessoas começam a pôr ali o carro e sabem que estamos ali de manhã à noite. [...] Sim, sabem que é seguro! [...] A maior parte das pessoas que dão moeda é numa de que sabem que estamos aqui de manhã à noite e está tudo bem (E, 33 anos)

O toxicodependente que arruma carros tenta e faz o possível e o impossível para manter o local onde ele arruma carros, para fazer uns troquitos, mantê-lo limpo, sempre... Evita, a todo o custo, que haja assaltos e roubos... (I, 38 anos)

A este propósito, pode referir-se o estudo de Pais (2001, pp. 315-317) que diz existir entre estes sujeitos uma *consciência de grupo*, um *agir colectivo* que se rege por um *saber próprio* e por uma *ética de trabalho* baseada no brio profissional, pelo que a preocupação expressa por alguns em respeitar os locais *pertencentes* a cada um e manter o seu território “limpo” é disso exemplo.

5.2 – Os comportamentos dos outros e dos próprios actores

Relativamente à descrição que os nossos sujeitos fazem das reacções sociais dos outros perante si, fazemos a distinção entre comportamentos de afastamento, de aproximação positiva e de aproximação negativa. Assim, os primeiros são aqueles que envolvem reacções de afastamento físico (“afastar”, “desprezar”, “não falar”), sendo aqueles que mais vezes parecem acontecer; os comportamentos de aproximação positiva são aqueles que envolvem acções que sugerem alguma aproximação física da pessoa e algum reconhecimento do actor enquanto figura da não ameaça (“falar”, “ter respeito

e admiração”, “não se afastar”); os comportamentos de aproximação negativa incluem todos aqueles que sugerem que existe uma aproximação física da pessoa mas que é sentida pelo sujeito como negativa (“falar mal”, “ser malcriado”, “ameaçar, agredir”) e são os menos frequentes.

Os nossos dados parecem corroborar a ideia de que este actor social provoca afastamento, o que pode advir da associação que é feita entre si e uma potencial ameaça para a pessoa. Porém, também os comportamentos de aproximação positiva são mencionados e muito associados à habitualidade dos próprios nos locais onde desenvolvem a sua actividade. Parece existir aqui uma validação da ideia de que o medo é sobretudo medo do desconhecido e que mesmo estes sujeitos, sendo amplamente apontados como figuras do medo pelo discurso dos mais receosos, podem ser encarados como uma não ameaça quando em ambientes que já lhe são familiares e onde, para os outros, são já actores conhecidos. Voltaremos a esta questão mais à frente. Ainda no que diz respeito aos comportamentos adoptados pelos arrumadores, saliente-se uma contradição: os sujeitos percebem que eles próprios “não cometem crimes” e, ao mesmo tempo, praticam de forma frequente roubos e furtos e adoptam comportamentos que visam assustar as pessoas, ainda que os atribuam sempre a terceiros, uma vez que a maioria não assume que os pratica.

Não menina... desde que veio a metadona sossegou muita gente [...] Conheço o pessoal todo que pára aqui e não fazem nada disso! (G, 50 anos) Partem os vidros para roubar o que tem lá dentro. [...] Mas, por exemplo, este fala mal, trata mal as pessoas [...] estão aflitinhos... e as pessoas não fazem nada, não dizem nada e eles: «Ah, vou-te foder o carro, vou-te partir o vidro...» uma boquita, mas é como eu! Mas não fazem nada! É verdade... eu conheço o pessoal aqui todo! Não fazem nada disso! Lançam a sua boquita mas... não passa disso! (G, 50 anos)

Os actos que implicam o roubo de bens materiais

às pessoas foram também mencionados, ainda que sem recurso à violência na medida em que os actos percebidos como mais violentos para a vítima do crime são apontados como um acontecimento raro. Curiosamente, e ainda que os sujeitos também afirmem que os arrumadores não cometem crimes, referem que estes acontecem sobretudo quando os sujeitos estão de ressaca e por isso urge a necessidade de conseguirem dinheiro.

É que a necessidade da ressaca é tão grande, tão grande, que uma pessoa leva a fazer coisas...
(F, 30 anos)

A ressaca é, então, caracterizada como um estado que quase transcende o indivíduo e em que a necessidade se sobrepõe àquilo que habitualmente o caracteriza. Corroboramos a ideia proposta por Vasconcelos (2003) de que a ressaca constitui um "verdadeiro assalto ontológico", cujo estado de ansiedade sentido não só torna o consumo e as acções que permitem a obtenção de dinheiro para a compra da dose num imperativo, como também se impõe à avaliação das consequências que desses actos possam resultar. E esta parece ser uma explicação para o facto de os sujeitos recusarem a prática de crimes e ao mesmo tempo reconhecerem a prática de alguns, sobretudo roubos e furtos, justificando-os com o facto de estarem de ressaca, transformando-se nesse momento num outro que naquele instante pratica um acto criminoso e novamente volta a si, sendo então outra vez incapaz de o fazer.

Também a retaliação é apontada como justificação ou motivação para a prática de crimes, ainda que de modo menos frequente do que a justificação anterior. Assim, os sujeitos dizem que o arrumador pode adoptar alguma conduta socialmente mais desajustada quando o condutor, por algum motivo, não corresponde às suas expectativas. E estes comportamentos de retaliação parecem acontecer enquanto danos ao carro (através de riscos) ou enquanto comportamentos intimidatórios para o condutor que não deu moeda.

A gente tenta corresponder essa maldade com... outra maldade. (H, 33 anos)

Há um ou outro toxicodependente que faz isso [riscar carros]. Se não lhe dão moeda. (I, 38 anos)

A constatação da regularidade e da espontaneidade na nomeação destas duas justificações sugeriu-nos a possibilidade de elas se constituírem enquanto racionalizações, que lhes permitem neutralizar a culpa associada ao carácter desviante dos seus comportamentos, recorrendo para isso a técnicas de neutralização (Sykes e Matza, 1957). Neste sentido, quer a ressaca, descrita como um momento em que circunstâncias externas e uma espécie de força maior que o sujeito o levam a adoptar certo tipo de comportamentos, quer os comportamentos justificados como formas de retaliação a actos ou atitudes dos condutores, que são entendidos como uma provocação, permitem aos sujeitos negar a sua responsabilidade pelos comportamentos adoptados. Descrevendo as situações como momentos em que não respondem por si ou em que respondem a comportamentos desadequados de outros, os sujeitos integram estas condutas na sua vivência diária, justificando-as à luz das ideologias vigentes na sua subcultura e desvalorizando a moral da ordem social dominante, que reprova tais condutas.

Com efeito, o estado de ressaca parece, sem dúvida alguma, ser entendido por todos como um estado em que a necessidade de heroína se sobrepõe ao próprio indivíduo que a sente, pelo que a atribuição dos seus actos a este estado permite uma desresponsabilização do próprio e ao mesmo tempo uma forma, aparentemente aceitável, de justificar acções delituosas. E esta concepção do estado de ressaca parece não só estar interiorizada pelos próprios toxicodependentes como também estar difundida pelos cidadãos da urbe, que referem a carência de droga como um factor potenciador da perigosidade destes indivíduos. A negação da responsabilidade vê-se assim alimentada por esta crença a propósito da ressaca, que é hoje uma espécie de dado adquirido do senso-comum das toxicodependências.

Também a retaliação como resposta a actos percebidos como formas de provocação, por parte dos condutores

dos automóveis, merece alguma reflexão. De facto, ainda que os sujeitos refiram que a sua actividade é ilegal, justificam-na com a necessidade diária de dinheiro e com a ideia de que "é preferível pedir do que roubar". Parece, desse modo, existir a ideia de que todos os toxicodependentes serão potenciais criminosos ainda que aqueles que pedem e que são arrumadores não o sejam porque arranjam outra forma de angariar dinheiro para os seus consumos. Assim sendo, embora estes estejam dependentes das ajudas dos condutores que estacionam o carro junto a si, a tónica do seu discurso é colocada no outro que estaciona e que *deve* dar uma moeda. Quando não corresponde a essa expectativa, os sujeitos podem encarar isso como um "forretismo merecedor de justa punição", (Pais, 2001, pág. 313), respondendo com actos que visam danificar o carro ou assustar a pessoa.

Uma análise mais cuidada dos comportamentos sugeridos pelos actores entrevistados parece validar esta ideia, uma vez que do total de comportamentos codificados como de aproximação positiva, mais de metade deles aparecem associados ao "dar uma moeda" ou "dar uma ajuda", o que sugere que ainda que os arrumadores apreciem as atitudes de respeito, muito notadas nos actos de "cumprimentar, falar e aproximar", os comportamentos dos outros são, de facto, sentidos como positivos quando se fazem acompanhar por uma ajuda económica, uma vez que é esse o objectivo da tarefa. O que parece confirmar a ideia comumente apresentada pela literatura de que estes indivíduos, sendo toxicodependentes, gerem a sua vivência diária em prol do consumo (Stephens, 1991; Fernandes, 2002), o que leva muitas vezes à prática de crimes, sobretudo crimes menores, e cujo objectivo se prende exclusivamente com a angariação de dinheiro para suportar esses hábitos de consumo.

No que diz respeito aos comportamentos que adoptam como forma de tornar a sua tarefa mais eficaz, os sujeitos referiram sobretudo a importância do "saber pedir", muito associado ao saber falar com as pessoas de forma adequada, com respeito e educação.

Eu pra já sou uma pessoa educada, sei falar, tenho cultura, ... (B, 36 anos)

Mas se eu brincar com eles é mais fácil de obter algo deles, entende? Agora se eu tiver calado, se estiver numa coisa assim... muito firme, muito rígida, a maior parte não dá nada. Tenho de falar com eles. (H, 33 anos)

5.3 – As figuras do medo na cidade

No que diz respeito às figuras do medo na cidade, foi possível perceber que os sujeitos não distinguem os actores do medo dos actores do crime. A abordagem destas figuras resultou na nomeação daqueles que, na sua perspectiva, cometem crimes e que parecem estar associados, em alguns casos, a um aumento do sentimento de insegurança na cidade.

Isso são pessoas que passam, que andam aí a roubar e roubam... (D, 39 anos)

A maioria das pessoas que andam aí a roubar as pessoas não são os toxicodependentes... são aqueles que andam aí bem vestidinhos! Os gravatinhas... esses é que roubam as pessoas. Andam aí a assaltar carros... [...] Agora, que as pessoas possam ter medo? Sim... mas não é dos toxicodependentes! É aqueles que andam bem vestidinhos, que eu conheço muitos, aqui do Contumil... conheço bem essa raça toda! Esse pessoal... que não tem nada a ver com a droga. É mais para andar lá, por causa do telemóvel, carregar o telemóvel e andar aí nos... nessas coisas... comer essas merdidas... hamburgers... esses é que andam aí a roubar! [...] Sabe que o pessoal do bairro é um bocado perigoso! (G, 50 anos)

Tudo se passa como se estes sujeitos cristalizassem na imagem do desconhecido os actores do crime, que são sobretudo indivíduos que não se integram em nenhum grupo social específico, mas que, devido a circunstâncias pessoais e contextuais, se tornam figuras da ameaça e do crime para os restantes cidadãos (independentemente de serem ou não assim percebidos por esses).

Porém, também outros actores relacionados com drogas e o próprio toxicodependente de rua foram apontados como figuras do medo e do crime, ainda que de modo menos frequente do que a anterior. Assim sendo, parece-nos que apesar de os sujeitos acharem que socialmente são vistos como criminosos e ameaçadores para o outro que não o conhece e para os seus bens, eles não se definem de acordo com essa imagem social – isto apesar de a saberem bem definida para os outros. Não se reconhecem, eles próprios, como os actores do medo na cidade, uma vez que também eles cristalizam no desconhecido o medo do crime.

Enfim, os arrumadores partilham afinal o medo dos que têm medo. Dito de outro modo, não se diferenciam do que uma parte importante da literatura diz relativamente às razões para o sentimento de insegurança quando o radicam no desconhecido, que na urbe nos é trazido pela figura do Outro.

Ora, uma mudança de perspectiva como a que este estudo nos permitiu fazer vem mostrar-nos que o processo de associação entre actores sociais e actores do medo parece acontecer da mesma forma, ainda que através da nomeação de figuras sociais distintas, consoante a proximidade que o sujeito que nomeia e que é questionado tem com outros actores sociais. E este aspecto alerta-nos para a necessidade de atentarmos na tendência que os grupos sociais têm para criar estereótipos sobre o outro, sobre o outro temido neste caso e, como diversos autores têm apontado (Caldeira, 1992; Pain, 2001; Machado, 2004), levar a uma generalização exagerada desse outro, eliminando diferenças individuais entre eles e alimentando, deste modo, processos de marginalização e de exclusão social. Com efeito, os arrumadores nomeiam os actores do medo e configuram os actores sociais da ameaça da mesma forma que as pessoas que os temem, o que pode não só ajudar a aproximar uma figura que tem sido alvo de uma categorização social negativa como também contribuir para a compreensão do fenómeno do sentimento de insegurança, que parece basear-se mais nos processos psicológicos e sociais que levam à cristalização dos medos dos diversos grupos sociais do que nos próprios actores que os constituem.

6 – NOTA FINAL

A figura do arrumador não pode ser objecto de uma leitura linear. Reactualizamos a propósito dela o que tem sido múltiplas vezes, e por múltiplos autores, afirmado a propósito das figuras do desvio: por um lado, o mesmo comportamento pode corresponder a actos muito distintos – como se arrumar carros, que parece sempre uma e a mesma coisa, fosse recoberto por variados modos de estar e de se autopercepcionar; por outro lado, quando visto de perto, o actor remetido pelo olhar dominante para a posição do "marginal", do "drogado", do "delinquente", revela bem maior complexidade quando adoptamos uma posição que observe finamente o seu quotidiano e que escute as significações que decide partilhar com o investigador acerca do que faz, da sua vida, do modo como pensa que os outros o olham, interagem ou, simplesmente, evitando-o, o classificam.

Ser arrumador tanto pode ser a desistência do *junkie* como a busca de dignidade dum indivíduo que mesmo assim insiste em pertencer ao circuito económico da cidade, em vez de se esconder no *ghetto* ou de se auto-excluir numa errância marginal sem qualquer vínculo relacional. Ser arrumador pode, enfim, ser uma posição de resistência. Neste sentido, perante o trabalho de terreno efectuado, diríamos que ser arrumador de carros será uma posição de resistência mais vincada nuns do que noutros, mas que parece, de facto, ser muito evidente na postura de alguns indivíduos para os quais o desempenho eficaz da tarefa não só procura alcançar a obtenção da moeda mas também impor alguma dignidade ao próprio sujeito que não se resigna às expectativas sociais que o tornariam em mais um criminoso. Outros, ao invés, apresentam posturas de desânimo e de desistência face à sua condição de marginal e socialmente excluído e cuja tarefa permite apenas a obtenção do dinheiro para os consumos, já que nada mais parece ser relevante na sua vivência do dia-a-dia.

Finalmente, advertimos para o facto de que a nossa investigação apenas delimitou uma parte dos arrumadores – aqueles que são utilizadores de drogas. Muitos outros há, nesta actividade, com percursos

distintos, avisando-nos para o reducionismo de vermos sempre no arrumador um "toxicodependente". Desde os anos 90, nas grandes cidades portuguesas, ele é uma nova figura do espaço urbano, um modo de pôr a comunicar centro e margem, um actor da microeconomia informal, que inventa espaços de sobrevivência, tanto económica como relacional, para resistir às dificuldades da sua posição estrutural e da sua trajectória de vida. Pesem embora as tentativas para o retirar das ruas, através de políticas de tolerância zero do desvio, levadas a cabo pela autarquia portuense ao longo de boa parte desta década, ele é um *city user* da metrópole, como o são também recentemente os sem-abrigo, que deixaram desde há duas décadas, nos países desenvolvidos, de ser um fenómeno mais ou menos residual e se têm vindo a constituir como presenças permanentes na paisagem da grande urbe. E as cidades também são feitas dos seus marginais, que lhes pontuam o quotidiano e lhes povoam os mitos.

CONTACTOS:

MARGARIDA MATIAS

Psicóloga do Gabinete de Estudos e Atendimento a Agressores e Vítimas (GEAV) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
E-mail: mmatias@fpce.up.pt

LUÍS FERNANDES

Prof. Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
E-mail: jllf@fpce.up.pt

NOTAS:

1 – As categorias forjadas pelos especialistas tanto revelam como encobrem. Encobrem, neste caso, sob a etiqueta "exclusão social" actores que, num estilo errante, é certo, estão perfeitamente incluídos no microfuncionamento da urbe, participando inclusivamente da sua vida económica, ao promoverem uma circulação de moeda entre o cidadão médio e os territórios psicotrópicos, onde normalmente entregam os proventos da actividade de arrumadores a troco do produto psicotrópico a que estão adictos; por outro lado, percepcionados como perigosos, são muitas vezes indivíduos que não estão envolvidos em actividades delituosas que envolvam crime contra pessoas.

2 – Mestrado em Temas de Psicologia, Ramo de Psicologia do Comportamento Desviante, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

3 – Mestrado em Temas de Psicologia, Ramo de Psicologia do Comportamento Desviante, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Matias, 2008).

4 – Chamámos a esta concepção pessoal da realidade como marcada pelo perigo dos encontros mais ou menos aleatórios com o Outro a Hipótese Predatória: é como se o indivíduo hipotetizasse como potencialmente perigoso todo e qualquer encontro com estranhos (cf. Fernandes, 2003).

5 – A "plataforma giratória" é uma velha expressão do léxico do "combate à droga". Os territórios psicotrópicos das "zonas degradadas" funcionam, também, a seu modo, como plataformas: atraem a si os adictos, estes realizam aí compras, fazem consumos e obtêm uma série de informações estratégicas para a "vida nas drogas". A plataforma *junkie* tem assim um valor instrumental para quem "anda na vida", constituindo uma espécie de assentamento temporário (no Casal Ventoso, em Lisboa, e no S. João de Deus, no Porto, chegou a tomar a forma de acampamento). A plataforma *junkie* funciona também como um irradiador do "problema da droga" para a sociedade, ao torná-lo visível a partir de determinados elementos que vão constituindo o estereótipo deste objecto social.

6 – Bairro social da periferia oriental do Porto que constitui um dos maiores conjuntos habitacionais camarários da cidade e que está conotado, desde há décadas, com as actividades ligadas às drogas.

7 – Lugar de concentração de actores sociais das drogas e que funciona como um atrator de indivíduos com interesse comum num estilo de vida em que as drogas desempenham papel significativo (cf. Fernandes, 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agra, C. (2002). *Entre Droga e Crime* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Caldeira, T. (1992). *City of walls: crime, segregation and citizenship in São Paulo*. Dissertação de Doutoramento. Berkeley: University of California.
- Carvalho, I. (2003). *Reacting to Crime and Disorder in Inner-City Neighborhoods: Processes, Mechanisms and the Functioning of Fear and of Other Reactions to Crime*. Dissertação de Doutoramento. Evanston: Universidade de Northwestern.

- Cunha, M. I. (2002). *Entre o bairro e a prisão: tráfico e trajectos*. Lisboa: Fim de Século.
- Díaz, A., Barrutí, M. & Doncel, C. (1992). *Les línies de l'èxit? Estudi sobre la naturalesa i l'extensió del consum de cocaïn a Barcelona*. Barcelona: Laboratori de Sociologia, Ajuntament de Barcelona.
- Faupel, C. E. (1991). *Shooting dope - career patterns of hard-core heroin users*. Gainesville: University of Florida Press.
- Fernandes, L. (2001). "Criminogénese e perigosidade a propósito do bairro social degradado: problematizações". *Temas Penitenciários*, Série II, 6 e 7, 9-14.
- Fernandes, L. (2002). *O Sítio das Drogas* (3.ª Ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Fernandes, L. (2003). "A imagem predatória da cidade". In G. Cordeiro, L. Vicente e A. da Costa (Eds.), *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta.
- Fernandes, L. (2004). "Bases ecossociais do sentimento de insegurança". *Educação, Sociedade & Culturas*, 21.
- Fernandes, L. e Pinto, M. (2004). "O Espaço Urbano como Dispositivo de Controlo Social: territórios psicotrópicos e políticas da cidade. Uso de Drogas e Drogodependências", *Monografias Humanitas*, n.º 95 (versão portuguesa não publicada).
- Fernandes, L. (2006). "O medo à cidade". In *Actas do Encontro de Intervenção Social: Saberes e Contextos*. Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Fernandes, L. e Carvalho, M. (2003). *Consumos problemáticos de drogas em populações ocultas*. Coleção Estudos - Universidades. Lisboa: Edição I.D.T.
- Fonseca, E. (1998). *Representação social da insegurança: crime e crise*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Porto: F.P.C.E.U.P.
- Machado, C. e Manita, C. (2000). *Percepções e Figuras do Medo na Cidade do Porto. Resultados de 3 anos de Investigação*. Porto: Observatório Permanente de Segurança.
- Machado, C. e Manita, C. (2009). "Fear of Crime: Methodological considerations and results from a biannual survey in the city of Oporto". *The European Journal of Psychology applied to Legal Context*, 1 (1): 69-99.
- Machado, C. (2004). *Crime e Insegurança - discursos do medo, imagens do outro*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Matias, M. (2008). *Desarrumar o Medo... O Arrumador de Carros como Figura do Medo na Cidade*. Dissertação de Mestrado em Temas de Psicologia - Ramo de Psicologia do Comportamento Desviante. Porto: F.P.C.E.U.P.
- Pain, R. (2001). Gender, Race, "Age and Fear in the City". *Urban Studies*, Vol. 38, Nos 5-6, 899-913.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates - Jovens, Trabalho e Futuro* (pp. 307-340). Porto: Âmbar.
- Portela, P. (2004). *À Margem da Margem - Percursos na heroína dos invisíveis institucionais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante. Porto: F.P.C.E.U.P.
- Quintas, J. (1997). *Drogados e consumos de drogas: análise das representações sociais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Porto: F.P.C.E.U.P.
- Roche, S. (1991). "Insécurité: incivilités, citoyenneté et ordre public". In Y. Bernard & M. Segaud (Eds.), *La Ville Inquiète: habitat et sentiment d'insécurité* (pp. 135-155). La Garenne-Colombes: Éditions de L'Éspace Européen.
- Romani, O. (1982). *Droga i subcultura. Una história cultural del «haix» a Barcelona (1960-1980)*. Tese de Doutoramento, Departamento de Antropologia Cultural da Universidade de Barcelona (não publicada).
- Sá, T. V. (s/d). "Segurança e o seu sentimento na cidade". In *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*. Consultado a 24/01/2007, em <http://www.aps.pt/ivcong-actas/Acta047>.
- Stephens, R. (1991). *The Street Addict Role - a Theory of Heroin Addiction*. Albany: State University Of New York Press.
- Sykes, G. & Matza, D. (1957, 1999). "Techniques of neutralization". In J. Muncie, E. McLaughlin e M. Langan (Eds.), *Criminological Perspectives - A Reader* (pp. 206-213). London: Sage Publications.
- Taylor, R. (1987). "Toward an environmental psychology of disorder: delinquency, crime and fear of crime". In D. Stokols e I. Altman (Eds.), *Handbook of Environmental Psychology*. EUA: John Wiley & Sons.
- Tinoco, R. (1999). "Notas sobre a construção psico-social da identidade desviante em toxicodependência". *Toxicodependências*, n.º 3.
- Vasconcelos, L. A. (2003). "Heroína e Agência: Itinerários de Uso da Droga na Lisboa dos anos 90". *Etnográfica*, Vol. VII (2), pp. 369-401.
- Wacquant, L. (2001). *Os condenados da cidade - estudos sobre marginalidade avançada* (pp. 161-198). Rio de Janeiro: Editora Revan.